

# ESTUDOS DA COMPETITIVIDADE DO TURISMO BRASILEIRO



DETERMINANTES DO FLUXO DE TURISTAS ESTRANGEIROS PARA O BRASIL

**PRESIDENTE DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL**

Luiz Inácio Lula da Silva

**MINISTRO DO TURISMO**

Walfrido dos Mares Guia

**SECRETÁRIO EXECUTIVO**

Márcio Favilla Lucca de Paula

**SECRETÁRIA NACIONAL DE PROGRAMAS DE DESENVOLVIMENTO DO TURISMO**

Maria Luisa Campos Machado Leal

**SECRETÁRIO NACIONAL DE POLÍTICAS DE TURISMO**

Airton Nogueira Pereira Junior

**DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

Pedro Gabriel Wendler

**COORDENAÇÃO-GERAL DE RELAÇÕES MULTILATERAIS**

Fernanda Maciel Mamar Aragão Carneiro

**COORDENAÇÃO-GERAL DE RELAÇÕES SUL-AMERICANAS**

Patric Krahl

**GESTÃO TÉCNICA**

Adriane Correia de Souza

Camila de Moraes Tiussu

Clarice Mosele

**CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS**

Lucia Carvalho Pinto de Melo

Presidenta

Lélio Fellows Filho

Chefe da Assessoria Técnica

**COORDENADORA RESPONSÁVEL**

Lúcia Helena Salgado

Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ

## APRESENTAÇÃO

Nos últimos quatro anos, o turismo brasileiro vem respondendo aos desafios representados pelas metas do Plano Nacional do Turismo. Governo Federal, empresários, terceiro setor, estados e municípios trabalharam juntos para colocar em prática uma nova política para o turismo. Pela primeira vez na história, o turismo tornou-se prioridade de Governo, com resultados positivos para a economia e o desenvolvimento social do País.

O Ministério do Turismo contabiliza muitas vitórias conquistadas: a ampliação da oferta de roteiros turísticos de qualidade; aumento dos desembarques nacionais; incremento no número de estrangeiros visitando o País; aumento dos investimentos diretos; elevação na entrada de divisas e geração de renda e empregos para os brasileiros.

No entanto, algumas reflexões se impõem sobre o futuro do turismo brasileiro. Um mundo cada vez mais dinâmico e competitivo e as transformações da economia mundial trazem novas e desafiadoras exigências para todos, sem exceção. Dentre elas, a de que é necessário assegurar os interesses nacionais e um desenvolvimento sustentado e sustentável. Como fazer isso em longo prazo? E mais: qual o padrão de concorrência vigente no mercado internacional; qual estratégia o turismo brasileiro deve assumir para competir; qual o melhor modelo de desenvolvimento para o turismo no País; quais as oportunidades estão colocadas para as empresas brasileiras e, ao mesmo tempo, que ameaças existem para elas nesse mercado? Finalmente, o desafio maior: como promover uma inserção ativa e competitiva do turismo brasileiro na economia mundial?

Buscando analisar esse cenário e encontrar respostas aos desafios que ele coloca, o Ministério do Turismo realizou um trabalho junto com o Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE), que resultou neste rico material. Os Estudos de Competitividade e Estratégia Comercial reúnem o trabalho de grandes especialistas de vários centros de pesquisa do Brasil.

Os Estudos foram idealizados com o objetivo de incentivar o debate sobre os rumos do turismo brasileiro, considerando seus principais aspectos e segmentos. O Brasil é aqui comparado com casos internacionais de sucesso para fazer face aos desafios que se põem: as novas tecnologias, as alianças estratégicas, fusões, aquisições e o processo de concentração, o fortalecimento e a internacionalização de nossas empresas, a sustentabilidade ambiental e a preservação das culturas locais.

O Ministério do Turismo convida todos os agentes do setor a uma ampla discussão para a construção coletiva e democrática de um futuro Programa de Competitividade Para o Turismo Brasileiro. As bases para este futuro sustentado estão aqui, nestes Estudos de Competitividade e Estratégia Comercial para o Turismo.

**Walfrido dos Mares Guia**  
**Ministro do Turismo**

#### **NOTA:**

**O presente documento é propriedade do Governo Federal e é disponibilizado gratuitamente para avaliação dos profissionais do turismo brasileiro. Seu objetivo é ampliar o debate nacional sobre o futuro do setor, assim como de fomentar a pesquisa nesse campo do conhecimento, consistindo numa *versão preliminar*, que deverá sofrer alterações ao longo do primeiro semestre de 2007, incorporando sugestões e críticas a partir de debates com agentes selecionados do turismo brasileiro. Seu conteúdo não representa a posição oficial do Ministério do Turismo, sendo de inteira responsabilidade de seus autores.**

# DETERMINANTES DO FLUXO DE TURISTAS ESTRANGEIROS PARA O BRASIL

Elcyon C.R. Lima<sup>1</sup> (\*)  
Thompson Almeida Andrade<sup>3</sup> (\*\*)  
Brisne V. Céspedes<sup>4</sup> (\*\*\*)

## I) INTRODUÇÃO.

A indústria do turismo tem exercido um importante papel na geração de renda e de empregos em diversos países do mundo. Embora estes efeitos também possam ser observados no Brasil, a participação relativa brasileira nos destinos dos turistas de todo mundo está muito longe de guardar qualquer correspondência tanto com a dimensão continental do país e a existência de inúmeros atrativos naturais e construídos dispersos pelo território nacional, quanto com o conjunto dos demais atributos, como o clima favorável, a diversidade cultural, os encantos da natureza vegetal e animal, entre outros, capazes de incentivar a vinda de turistas até aqui. Dados mais recentes sobre a chegada de turistas de todo o mundo ao Brasil, embora mostrem que entre 1990 e 2005 tenha ocorrido uma multiplicação praticamente por cinco na quantidade deles (passando de 1,8 milhões para 5,3 milhões), também revelam que a participação relativa do Brasil na atração de

---

<sup>1</sup> Economista (PUC - Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro), Pós-Doutorado em Economia Universidade de Yale, New Haven – 1999; Ph.D. Economia Universidade de Minnesota, Minneapolis-MN – 1986; Mestrado (a.b.d.) Economia EPGE - Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro – 1978. Professor Adjunto da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FCE-UERJ), Pesquisador Sênior do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) Econômicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

<sup>3</sup> Economista, Doutor em Economia pela *London University*, Professor Titular da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FCE-UERJ), Pesquisador Sênior (aposentado) do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), Conselheiro do Conselho Administrativo de Defesa Econômica (CADE) 2000-2004.

<sup>4</sup> Mestre em Economia, Assistente de Pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).

turistas ainda é diminuta, da ordem de 0,63 % do fluxo total em 2005, tendo crescido do nível de 0,25 % observado para 1990.<sup>5</sup>

Existem diversos fatores que influenciaram a atração de turistas ao Brasil nos anos mais recentes, desde aqueles que têm uma natureza microeconômica, quanto àqueles que respondem a incentivos de natureza macroeconômica. Este trabalho, o qual deve ser considerado como inicial em um processo de pesquisa que pretende ampliar o seu objetivo em trabalhos subseqüentes, restringe agora a análise a ser feita aos anos de 1980 a 2005, usando como fatores determinantes da quantidade de turistas os PIB's per capita dos países de origem dos turistas, a sua taxa de câmbio real e a distância destes países até a cidade do Rio de Janeiro, o mais marcante portão de entrada do país.<sup>6</sup> Os países de origem dos fluxos serão 19, constituindo-se nas mais importantes fontes de onde vêm os turistas. Estes países são Alemanha, Argentina, Bolívia, Canadá, Chile, Colômbia, Estados Unidos, Espanha, França, Inglaterra, Itália, Japão, México, Paraguai, Peru, Portugal, Suíça, Uruguai e Venezuela. Como se pode observar, esta amostra compreende vários países da Europa, alguns países vizinhos (da América do Sul), da América do Norte e o Japão. Estes países geraram em 2005 quase 90 % do fluxo de turistas recebidos no Brasil.

A explicação para a utilização daquelas variáveis como determinantes dos fluxos de turistas que deixam os seus respectivos países em direção ao Brasil parece clara. No que diz respeito ao PIB per capita, esta variável vem sendo sistematicamente usada como *proxy* para o poder médio de compra da população, representando o rendimento médio do habitante daquele país. A idéia é a de que, quanto maior este rendimento, maior a capacidade financeira daquele habitante em efetivar o seu desejo de se deslocar para outros países, entre eles o Brasil, e visitar seus pontos turísticos. A taxa de câmbio real, o valor real da sua moeda relativamente à moeda do Brasil, é importante fator que pode deprimir ou ampliar o poder de compra daquele habitante: Um turista usa a sua moeda, a moeda do seu país, para efetivar os gastos decorrentes da sua viagem. Na medida em que a sua moeda se desvaloriza (aumento da relação moeda do país/ moeda do Brasil), estes gastos com a

---

<sup>5</sup> As quantidades de turistas utilizadas neste trabalho são extraídas do Anuário Estatístico da Embratur, diversos anos, e do Anuário publicado pela Organização Mundial de Turismo, diversos anos.

<sup>6</sup> Uma descrição mais pormenorizada destas variáveis vai ser feita mais frente neste trabalho.

sua moeda ficarão maiores, dificultando ou mesmo impedindo na margem que alguns turistas venham ao Brasil. Assim, movimentos de desvalorização ou de valorização real da moeda do país de origem em relação à moeda do Brasil afetam negativamente ou positivamente o fluxo de turistas para o Brasil, para um dado nível de PIB per capita. Quanto à variável distância, tradicionalmente utilizada pelos economistas regionais para representar a fricção do espaço, procura representar, em primeiro lugar, o custo financeiro do deslocamento, supondo uma relação positiva entre a distância a ser percorrida na viagem e o custo do transporte, ou seja, a tarifa a ser paga ao meio de transporte utilizado para a viagem. Outra possibilidade para a interpretação a ser dada a esta variável distância tem a ver com o custo ou desconforto representado pela quantidade de horas a ser gasta na viagem. O suposto é que este tipo de custo é algo que o consumidor deseja minimizar quando possível, pois afetaria negativamente o seu bem estar. Portanto, se esperaria que, tudo o mais constante, países de origem mais próximos do Brasil teriam melhores condições de mostrar uma maior quantidade de turistas no Brasil.

Este trabalho contém mais três seções. A seção que logo se iniciará faz uma análise descritiva da amostra selecionada, examinando os fluxos de turistas segundo o país de origem. A seção seguinte analisa como os fatores escolhidos como explicadores do fluxo de turistas para o Brasil são capazes de determinar estes fluxos. Como se verá, será empregado um modelo de regressão ao painel de observações constituído das quantidades de turistas provenientes de cada um dos 19 países em cada um dos anos do período 1980-2005 e as observações respectivas das variáveis determinantes daqueles fluxos, para os mesmos anos.

## II) O TURISMO MUNDIAL E O BRASIL.

Informações coletadas e disponibilizadas pela Organização Mundial de Turismo registram mais de 760 milhões de chegadas de turistas nos países do mundo em 2004. Este fluxo aumentou cerca de 70% nos quatorze anos do período 1990-2004, o que corresponde a uma taxa de crescimento média anual de aproximadamente de 4 %. Como mostrado pela Tabela 1, cerca de metade deste fluxo se orientou em 2004 para países da Europa,

particularmente os países da Europa Ocidental e do Sul da Europa e Mediterrâneo, os quais atraíram cerca de 40 % dos fluxos de turistas. Outras regiões de grande atração destes fluxos foram a América do Norte (com cerca de 10 % do fluxo), Ásia e Pacífico (20 %) e Europa Oriental e Central (com 10 %). A América do Sul teve uma participação relativa muito reduzida neste fluxo, 2 %, porcentagem esta a qual contribuiu a chegada no Brasil de cerca de 0,6 % do fluxo total de turistas, em termos absolutos a quantidade aproximada de 4,7 milhões de turistas naquele ano.

**Tabela 1: Chegada de Turistas por País de Destino (em milhares), 1990, 1995, 2000 e 2004.**

Região	Área	1990 (a)		1995		2000		2004 (b)		Variação (b/a)
		Absoluto	%	Absoluto	%	Absoluto	%	Absoluto	%	
África		15.160	3,44	20.438	3,80	28.154	4,14	32.222	4,23	2,13
Américas		92.803	21,04	108.994	20,26	128.160	18,83	125.757	16,50	1,36
	América do Norte	71.743	16,27	80.664	14,99	91.505	13,45	85.846	11,26	1,20
	Canadá	15.209	3,45	16.932	3,15	19.627	2,88	19.150	2,51	1,26
	México	17.172	3,89	20.241	3,76	20.641	3,03	20.618	2,70	1,20
		38.362	8,70	43.491	8,08	51.237	7,53	46.077	6,04	1,20
	Caribe	11.392	2,58	14.024	2,61	17.085	2,51	18.187	2,39	1,60
	América Central	1.945	0,44	2.611	0,49	4.346	0,64	5.771	0,76	2,97
	América do Sul	7.722	1,75	11.696	2,17	15.224	2,24	15.953	2,09	2,07
	Brasil	1.091	0,25	1.991	0,37	5.313	0,78	4.725	0,62	4,33
Ásia e Pacífico		57.740	13,09	85.024	15,80	114.863	16,88	152.503	20,01	2,64
Europa		265.290	60,15	309.306	57,49	384.147	56,45	416.362	54,62	1,57
	Europa do Norte	30.777	6,98	39.400	7,32	44.588	6,55	48.374	6,35	1,57
	Europa Ocidental	108.627	24,63	112.184	20,85	139.659	20,52	138.721	18,20	1,28
	E. Oriental e Central	31.980	7,25	55.002	10,22	59.145	8,69	78.372	10,28	2,45
	Sul e Mediterrâneo	93.907	21,29	102.720	19,09	140.756	20,68	150.895	19,80	1,61
Oriente Médio		10.040	2,28	14.300	2,66	25.238	3,71	35.391	4,64	3,53
<b>TOTAL</b>		<b>441.033</b>	<b>100,00</b>	<b>538.062</b>	<b>100,00</b>	<b>680.562</b>	<b>100,00</b>	<b>762.235</b>	<b>100,00</b>	<b>1,73</b>

Fonte: Anuário Estatístico da Organização Mundial de Turismo, 2005.



O Brasil apresentou um grande dinamismo na atração de turistas para o país nestes anos, é bem verdade, a partir de um fluxo inicial em 1990 muito baixo, cerca de 1 milhão de turistas, chegando a quase 5 milhões em 2004, portanto, multiplicando por 5 a quantidade de turistas do início do período. Apesar deste amplo crescimento relativo, fica claro da Tabela 1 que a competitividade brasileira neste mercado tem sido bastante reduzida, pois a participação brasileira continua bastante reduzida, 0,6 % do total. Dados mais recentes da Embratur relativos a 2005 indicam que neste ano teriam aportado no Brasil cerca de 5,3 milhões de turistas, desta forma ampliando o fluxo de passageiros que se destinam ao nosso país.

A Tabela 2 mostra as áreas de origem do fluxo de turistas chegados ao Brasil.

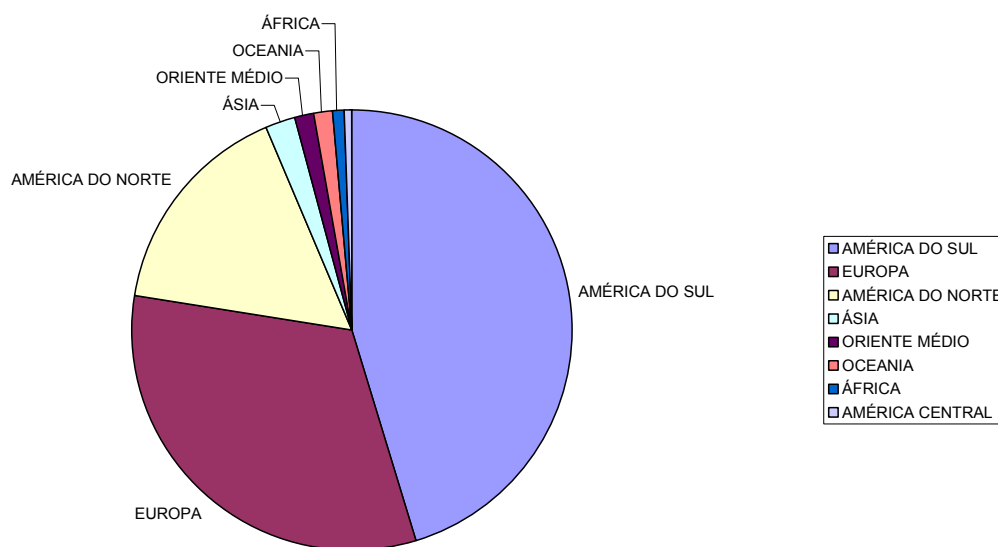
**Tabela 2: Entrada de Turistas no Brasil no período 1999-2005, segundo a Área de Residência.**

Áreas	1999 (a)	2000	2001	2002	2003	2004	2005 (b)	Variação (b/a)	Média 1999 a 2005
AMÉRICA DO SUL	2.961.694	3.036.169	2.418.406	1.462.191	1.532.234	1.829.017	2.016.202	-32%	2.179.416
EUROPA	1.227.835	1.305.674	1.432.315	1.373.256	1.567.708	1.834.164	2.069.221	69%	1.544.310
AMÉRICA DO NORTE	647.809	744.270	690.729	752.404	790.652	838.595	941.777	45%	772.319
ÁSIA	104.701	99.847	103.957	80.864	83.785	132.633	151.358	45%	108.164
ORIENTE MÉDIO	335.117	25.825	26175	27.835	29.362	32.159	35.138	-90%	73.087
OCEANIA	253.611	21.944	23.466	26.276	27.146	22.972	26.023	-90%	57.348
ÁFRICA	41.297	34.503	36.341	30.564	32.490	64.678	75.676	83%	45.078
AMÉRICA CENTRAL	33.739	22.630	20.952	21.285	21.754	35.830	40.081	19%	28.039

**Fonte dos dados originais: Anuários Estatísticos do Turismo, Embratur, para os anos respectivos.**

O Gráfico 1 representa estes fluxos para mostrar a importância destas áreas no turismo internacional que ocorre no Brasil.

Gráfico 1: Áreas de origem dos fluxos de turismo no Brasil



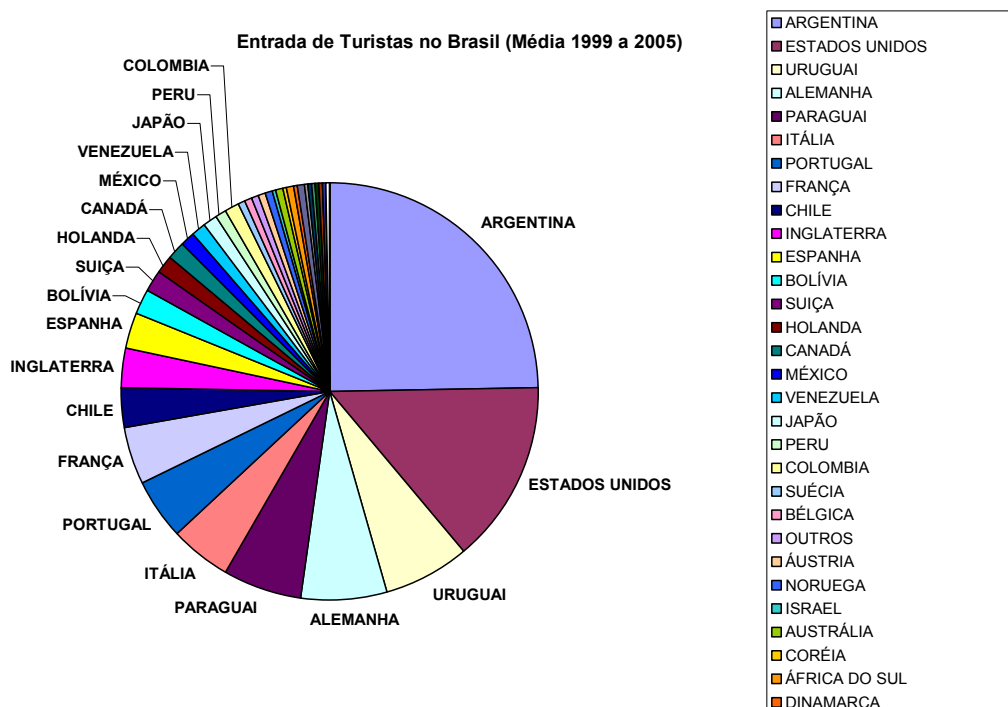
Como mostrado naquela tabela e no gráfico, as três principais áreas de origem dos nossos turistas são, pela ordem de grandeza da média observada no período 1999-2005, a América do Sul, (ou seja, nossos vizinhos de continente, responsáveis por 2 milhões de turistas aqui chegados, quase cerca de metade do fluxo), a Europa e a América do Norte. As taxas de variação do fluxo de turismo calculadas com base no ano inicial usado nesta tabela e como ano final 2005 indica uma diminuição de cerca de um terço para a quantidade de turistas no período relativa a vinda dos nossos vizinhos, certamente refletindo as dificuldades econômicas que alguns destes países sul-americanos sofreram nos anos recentes, particularmente a Argentina. Como se pode ver ainda na tabela, a quantidade de turistas originados da América do Sul nos últimos quatro anos esteve bem abaixo da sua média no período, a qual foi de cerca de 2,1 milhões. No que toca á Europa, pode-se verificar que a expansão da quantidade de turistas europeus vem sendo contínua, tendo incrementado em cerca de 70 por cento nos últimos seis anos, tendo ultrapassado a

quantidade de 2 milhões no último ano. Para os países da América do Norte, também tem havido um crescimento na quantidade de pessoas que vêm ao Brasil, da ordem de 45 por cento no período, somando quase um milhão em 2005. A Ásia contribuiu em 2005 com um contingente relativamente bem menor de turistas para o Brasil, cerca de 150 mil, fluxo este que cresceu 45 por cento no período. Outras áreas do mundo, como o Oriente Médio, a Oceania, a África e a América Central, foram responsáveis por menos de 200 mil turistas no Brasil no último ano, com uma participação relativa individual bem diminuta na entrada total de turistas no nosso país. É interessante observar que algumas áreas, como o Oriente Médio e a Oceania, já mostraram fluxos bem maiores no início do período, mais recentemente diminuindo-os em 90 por cento do que eram em 1999.

É importante especificar os países de origem dos fluxos de orientados para o Brasil. O Gráfico 2 e a Tabela 3 registram estas origens.

Como se pode observar, entre as principais origens dos nossos turistas, oito delas referem-se a países da América do Sul, quais sejam, Argentina, Bolívia, Colômbia, Paraguai, Chile, Peru, Uruguai e Venezuela.

Gráfico 2:



**Tabela 3: Entrada de Turistas no Brasil segundo o País de Origem, 1999-2005.**

PAÍS	1999 (a)	2000	2001	2002	2003	2004	2005 (b)	Varição  b/a)	Média 1999-a 2005
ARGENTINA	1.548.570	1.744.004	1.374.584	699.177	792.753	922.484	992.299	-36%	1.153.410
ESTADOS UNIDOS	559.366	648.026	594.309	636.063	670.863	705.993	793.559	42%	658.311
URUGUAI	383.750	403.896	305.084	222.410	239.885	309.732	341.647	-11%	315.201
ALEMANHA	282.846	290.335	320.602	296.157	315.532	294.989	308.598	9%	301.294
PARAGUAI	501.425	371.873	285.752	218.653	186.457	204.762	249.030	-50%	288.279
ITÁLIA	177.589	202.903	216.517	183.469	214.141	276.563	303.878	71%	225.009
PORTUGAL	115.088	147.143	165.908	168.329	228.153	336.988	357.640	211%	217.036
FRANÇA	131.978	165.117	185.033	206.262	225.235	224.160	252.099	91%	198.555
CHILE	170.564	172.807	154.093	112.451	114.562	155.026	169.953	0%	149.922
INGLATERRA	125.607	127.903	143.823	146.513	155.877	150.336	169.514	35%	145.653
ESPANHA	99.677	110.765	126.973	110.177	120.235	155.421	172.979	74%	128.032
BOLÍVIA	145.072	134.640	107.673	67.673	60.487	60.239	68.670	-53%	92.065
SUIÇA	71.667	67.947	71.572	56.175	62.829	83.113	89.789	25%	71.870
HOLANDA	56.731	42.428	44.127	55.088	77.693	102.480	109.708	93%	69.751
CANADÁ	49.350	54.916	55.643	67.531	68.585	66.895	75.100	52%	62.574
MÉXICO	39.093	41.328	40.777	48.810	51.204	65.707	73.118	87%	51.434
VENEZUELA	58.980	52.929	49.769	42.082	44.423	44.257	48.598	-18%	48.720
JAPÃO	41.814	40.905	43.399	39.741	42.791	60.806	68.066	63%	48.217
PERU	48.564	51.627	48.536	33.052	33.221	56.647	60.251	24%	47.414
COLOMBIA	48.530	50.065	50.344	37.455	36.329	42.163	47.230	-3%	44.588
SUÉCIA	27.554	24.457	26.067	33.077	36.211	37.809	45.764	66%	32.991
BÉLGICA	26.929	20.187	22.141	23.577	28.570	28.549	32.741	22%	26.099
OUTROS	24.202	21.823	21.293	12.243	10.745	34.169	40.960	69%	23.634
ÁUSTRIA	25.360	22.868	24.967	17.569	16.454	21.034	22.558	-11%	21.544
NORUEGA	13.549	14.820	15.972	27.146	28.763	23.560	26.812	98%	21.517
ISRAEL	18.314	14.651	14.847	20.775	22.058	26.095	28.136	54%	20.697
AUSTRÁLIA	19.734	18.388	19.841	22.066	22.804	18.454	20.949	6%	20.319
CORÉIA	21.179	19.238	20.900	14.897	15.793	21.353	24.315	15%	19.668
ÁFRICA DO SUL	12.577	13.917	15.352	12.821	13.113	32.415	36.139	187%	19.476
DINAMARCA	17.708	18.593	18.966	21.430	22.193	15.555	19.672	11%	19.160
CHINA	17.506	17.881	18.366	13.983	14.456	16.305	18.017	3%	16.645
GUIANA FRANCESA	21.761	22.728	16.645	9.956	6.589	14.244	17.372	-20%	15.614
EQUADOR	18.240	14.573	13.297	11.352	10.793	13.343	15.149	-17%	13.821
PAÍSES NÃO ESPECIFICADOS	31.158	22.601	20.233	8.725	5.459	3.655	2.694	-91%	13.504
ANGOLA	10.608	9.368	10.320	7.179	6.315	13.679	14.226	34%	10.242
GRÉCIA	10.498	10.638	11.786	7.683	7.630	10.703	12.106	15%	10.149
PANAMÁ	7.692	4.668	3.911	2.965	2.868	9.586	10.516	37%	6.029
GUIANA, REPÚBLICA	9.798	10.322	7.554	3.497	2.143	3.221	3.248	-67%	5.683
COSTA RICA	6.595	5.356	5.174	3.064	2.941	6.741	7.202	9%	5.296
SURINAME	6.440	6.705	5.076	4.433	4.592	2.899	2.755	-57%	4.700
NOVA ZELÂNDIA	5.635	3.556	3.625	4.210	4.342	4.518	5.074	-10%	4.423
PORTO RICO	2.083	2.104	1.925	7.516	8.297	2.751	3.595	73%	4.039
NIGÉRIA	2.254	2.367	2.297	1.826	1.355	1.611	1.819	-19%	1.933
ARÁBIA SAUDITA	998	928	990	784	697	800	881	-12%	868
IRAQUE	163	241	198	251	246	95	134	-18%	190

**Fonte dos dados originais: Anuários Estatísticos da Embratur, anos respectivos.**

No caso da Argentina, este país contribui praticamente com um quarto dos turistas recebidos pelo Brasil. Isto indica que o efeito da vizinhança tem um papel importante na explicação da quantidade de turistas destes países que vêm ao Brasil. Fica, portanto, validada a inclusão da vizinhança como uma das variáveis explicativas no modelo de regressão que será estimado posteriormente neste trabalho.

Esta grande importância relativa que está sendo observada para a vizinhança no fluxo de turismo recebido pelo Brasil na realidade pode estar expressando uma fraca capacidade do país em atrair turistas de origem mais afastada, os quais devem ter que pagar tarifas mais elevadas para o deslocamento e viajar mais horas, mas que têm uma capacidade aquisitiva (ou seja, um rendimento maior, como representado pelo PIB per capita do seu país) e que também têm uma moeda relativamente mais forte que a brasileira. PIB per capita maior e moeda valorizada podem na prática vencer o efeito da maior distância. No caso brasileiro, aparentemente, o país só está conseguindo atrair uma parcela diminuta dos turistas destes países, como os de alguns países da Europa e da América do Norte (Canadá, Estados Unidos e México).

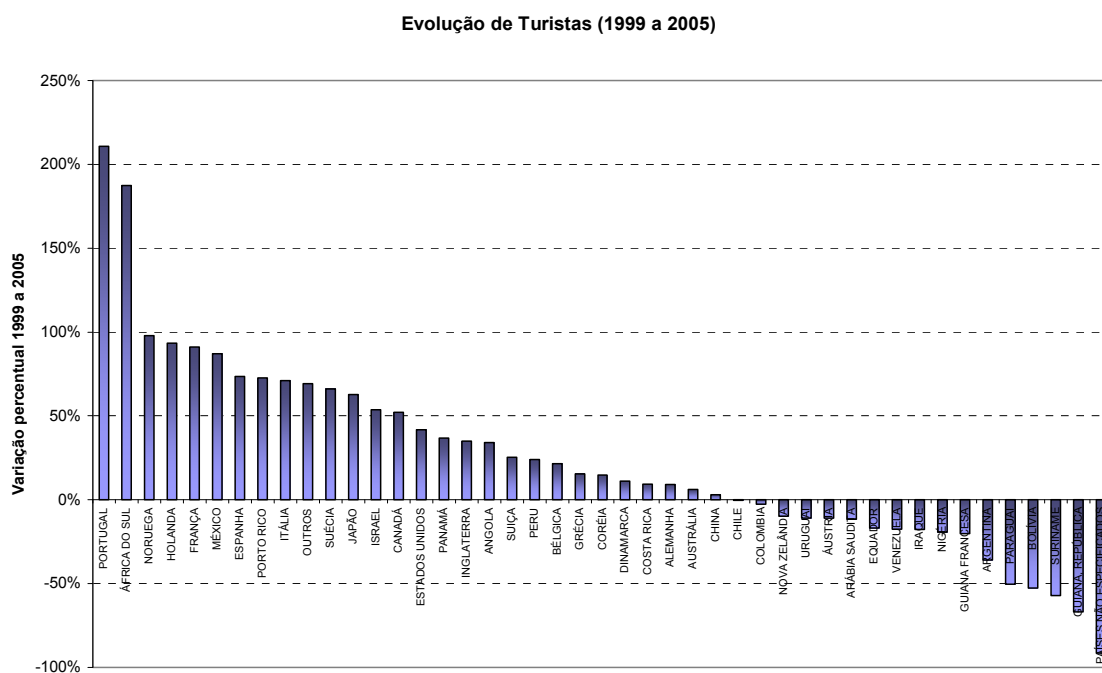
É interessante observar na Tabela 3 que aquela diminuição na quantidade de turistas sul-americanos decorre de uma quase generalizada diminuição apresentada pelos países deste continente. A situação da Argentina, por exemplo, embora seja o nosso principal emissor de turistas para o Brasil, a queda no número de seus turistas no Brasil foi de 36 por cento em relação ao que entrava no país em 1999. Para o Uruguai, a queda foi de 11 por cento, Paraguai-diminuição de 50 por cento, Bolívia-queda de 53 por cento, Venezuela- menos 18 por cento, Equador-uma quantidade menor em 17 por cento.

Para os países que ampliaram a quantidade de turistas no Brasil, são dignos de nota os Estados Unidos (42 por cento), a Itália (71 por cento), Portugal (211 por cento), a França (91 por cento), Espanha (74 por cento), Holanda (93 por cento), Canadá (52 por cento), México (87 por cento), Japão (63 por cento), Suécia (60 por cento), Noruega (98 por cento),

Israel (54 por cento) e África do Sul (187 por cento). Como se observa, uma predominância de contribuição positiva no aumento do turismo internacional no Brasil devida principalmente aos países europeus e aos países da América do Norte.

Esta dinâmica dos fluxos está mostrada no Gráfico 3 que é mostrado a seguir.

Gráfico 3:



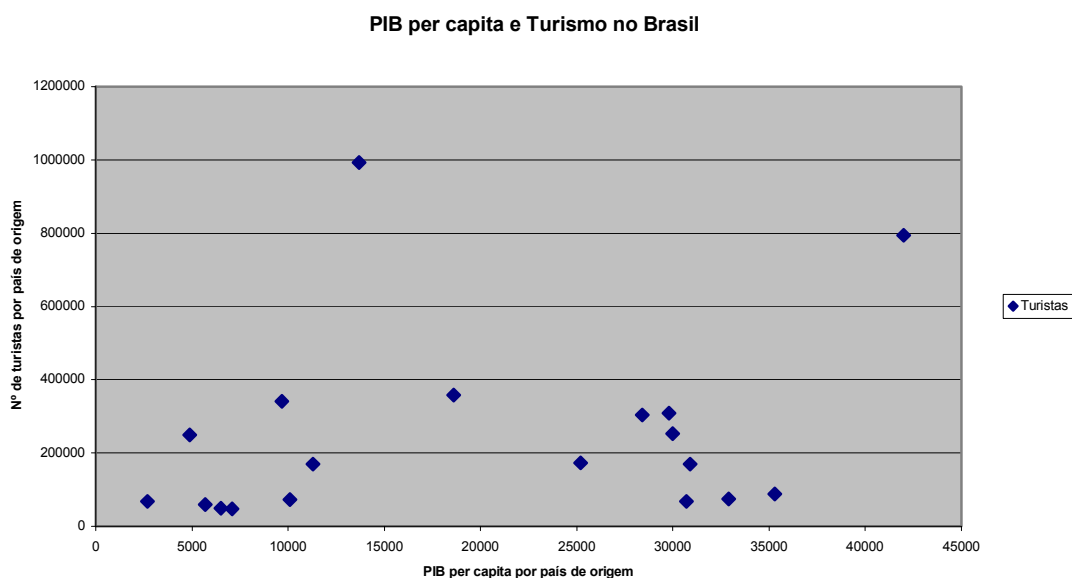
A Tabela 4 mostra a quantidade de turistas chegados no Brasil por país de origem. Mostra também, respectivamente, o PIB per capita de cada um de cada uma destas origens. Conforme se verá, em princípio não se verá uma associação linear entre a capacidade de pagamento do turista, segundo o seu PIB per capita, e o fluxo de turistas chegado ao Brasil proveniente deste país.

**Tabela 4: PIB (PPP) per capita, dólar constante, a preços de 2005 e fluxo de turistas chegados ao Brasil, por país de origem.**

<b>País</b>	<b>PIB per capita</b>	<b>Turistas no Brasil originados do país no ano de 2005.</b>
Argentina	13.700	992.290
Alemanha	29.799	308.598
Bolívia	2.699	68.670
Canadá	32.896	75.100
Chile	11.300	169.953
Colombia	7.100	47.230
Estados Unidos	41.999	793.559
Espanha	25.198	172.979
França	30.001	252.099
Itália	28.401	303.878
Japão	30.700	68.066
México	10.100	73.118
Paraguai	4.898	249.030
Peru	5.689	60.251
Portugal	18.606	357.640
Inglaterra	30.897	169.514
Suíça	35.307	87.789
Uruguai	9.665	341.647
Venezuela	6.499	48.598

**Fontes:** PIB's obtidos no site Development Data Group, The World Bank; Índice Nacional de Preços ao Consumidor, Fundo Monetário Internacional; População por país, Fundo Monetário Internacional; Deflator implícito do PIB em dólar, Bureau of Economic Analysis, Dept. of Commerce; Fluxo de Turistas, Embratur, Anuário de 2006.

O gráfico que se segue exhibe a relação entre PIB per capita e a quantidade de turistas de cada país, utilizando os dados da Tabela 3.

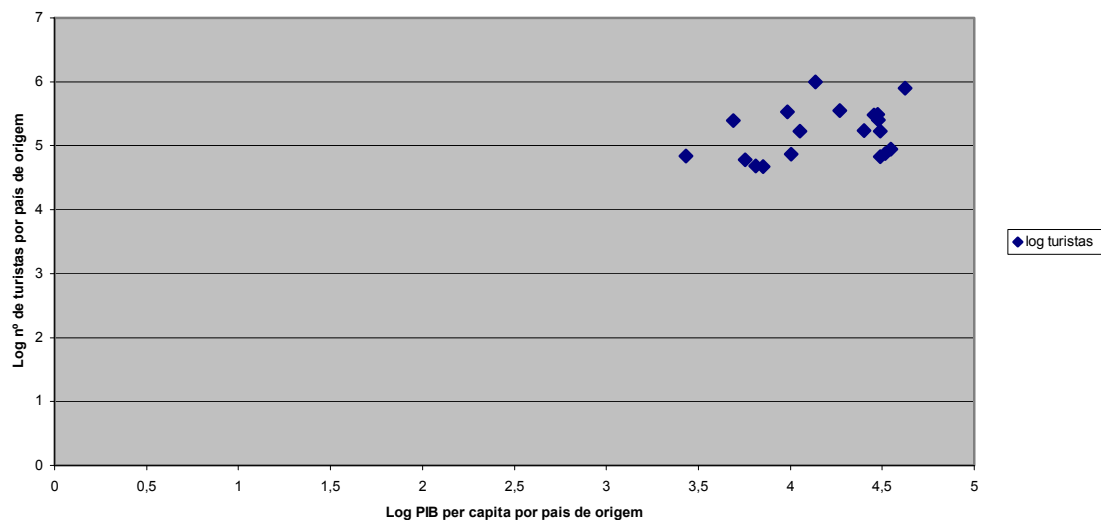


Como se verifica no gráfico, não parece existir uma relação definida entre os PIB's per capita dos países e as quantidades de turistas destes países que vêm ao Brasil. Na realidade, existem dois grupos de países, um com maior nível de PIB per capita (como os Estados Unidos, Canadá e alguns países europeus e o Japão) os quais apresentam uma maior e uma menor quantidade de turistas que chegam ao Brasil. O outro conjunto de países, estes de menor PIB per capita, os quais também de forma bem diferenciada no que se relaciona à quantidade de seus turistas No Brasil em 2005, pois as quantidades são maiores ou menores. Usando-se as informações da Tabela 3, calcula-se um coeficiente de correlação linear de 0,22, um valor bastante baixo para indicar uma associação deste tipo entre estas duas variáveis.

Transformando os dados, usando uma transformação logarítmica, pode-se começar a enxergar uma associação, não a associação linear entre PIB per capita e número de turistas, mas sim a associação linear entre os logaritmos destas duas variáveis. O gráfico que se segue mostra uma certa relação crescente nestes logs.

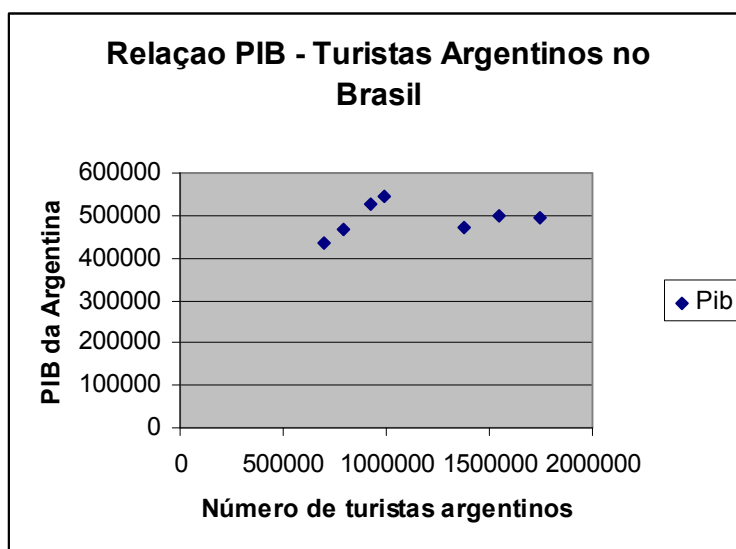


PIB per capita e Turismo no Brasil (em logs)



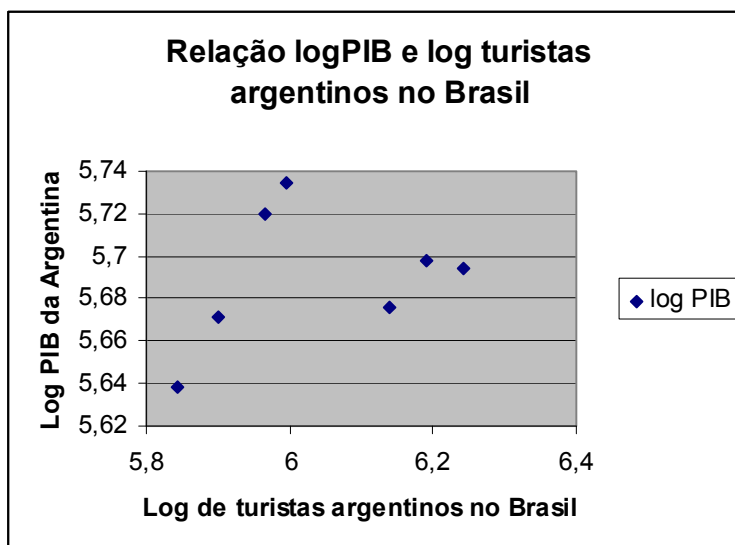
O coeficiente de correlação linear entre os logs das variáveis aumentou para 0, 37, um valor ainda relativamente baixo para a associação linear, mas maior que o encontrado anteriormente. Além disto, o gráfico mostra que, a despeito da variabilidade observada nas duas variáveis, pode-se observar uma ligação entre maiores valores dos logs de PIB per capita e do logs da quantidade de turistas.

A mesma relação observada para o conjunto de principais países responsáveis pelos maiores fluxos de turismo no Brasil em relação aos seus respectivos PIB's pode ser encontrada examinando-se o fluxo de turistas de um país e o seu PIB no período 1999-2005. Veja-se, por exemplo, o caso da Argentina, nosso principal emissor de turistas para o Brasil. O gráfico seguinte mostra a relação PIB- número de turistas da Argentina chegados ao Brasil.



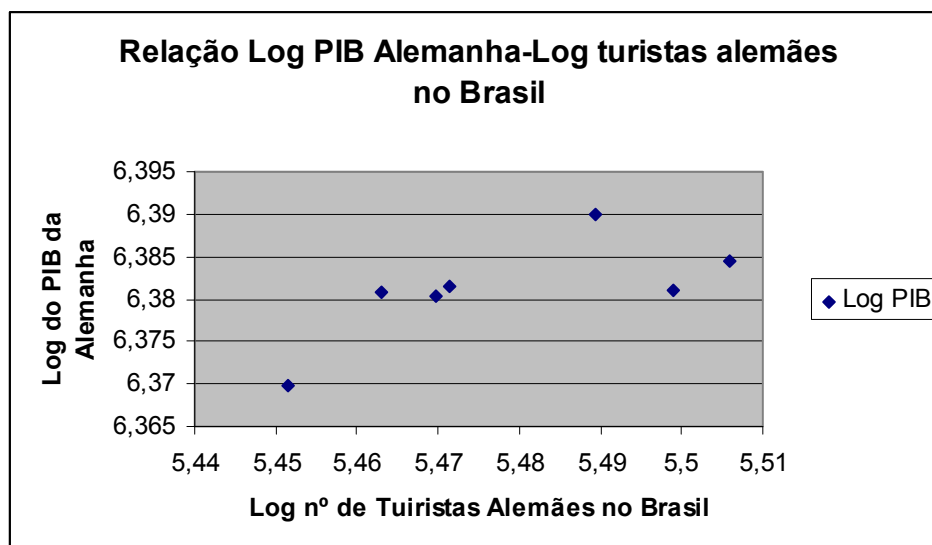
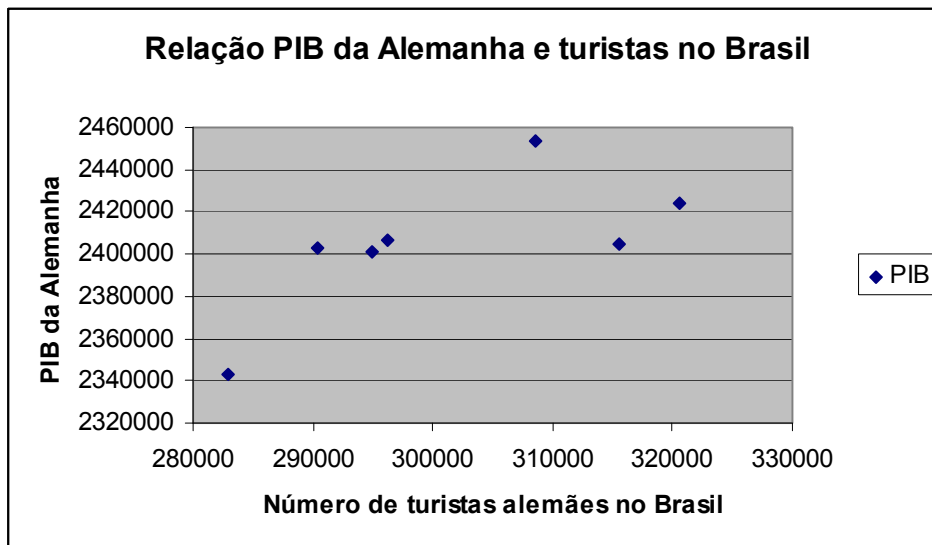
O coeficiente de correlação linear entre as duas variáveis é de 0,20. Como se observa, as quatro observações (1999, 2000, 2001 e 2002) mostravam uma associação linear bastante significativa, mas após 2002, a relação deixou de ser quase perfeita e caiu para um patamar bem inferior ao que tinha anteriormente. Certamente, a crise econômica argentina, com queda no seu PIB no início deste século, foi responsável pelo rompimento da tendência anterior.

A mesma relação nos logaritmos daquelas variáveis apresenta uma relação linear mais nítida entre as variáveis. O coeficiente de correlação linear se altera para 0,31, maior, portanto. O gráfico seguinte ilustra a melhora na relação entre o log do número de turistas e o log do PIB da Argentina.



Este gráfico mostra mais claramente a associação que existia entre as variáveis no início do período 1999-2005, quando uma expansão significativa do fluxo de turismo para o Brasil e o seu PIB. Na segunda metade do período, houve um rompimento da relação entre os logs, também com uma queda no nível dos mesmos.

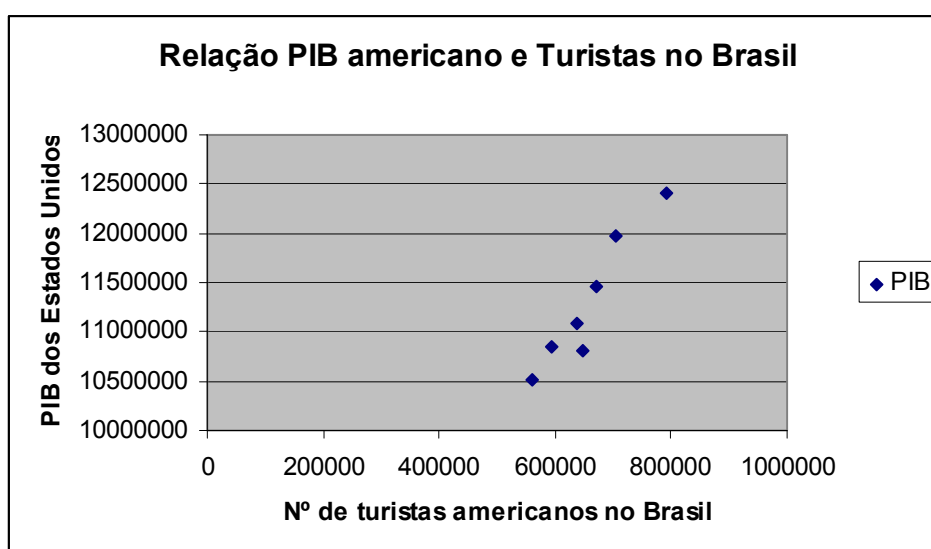
Outro exemplo que vai ser dado é a Alemanha, outro país grande emissor de turistas para o Brasil. Os gráficos seguintes mostram a mesma relação PIB-número de turistas deste país no Brasil e também a mesma relação com as variáveis nos seus logaritmos.



No primeiro caso, o coeficiente de correlação linear foi de 0,68 e no segundo caso, o coeficiente apresentou uma ligeira melhora, passando para 0,69. Comparando os gráficos da Argentina e da Alemanha pode-se concluir que no caso da Alemanha fica mais clara a associação entre estas variáveis, seja nos seus valores absolutos, seja nos

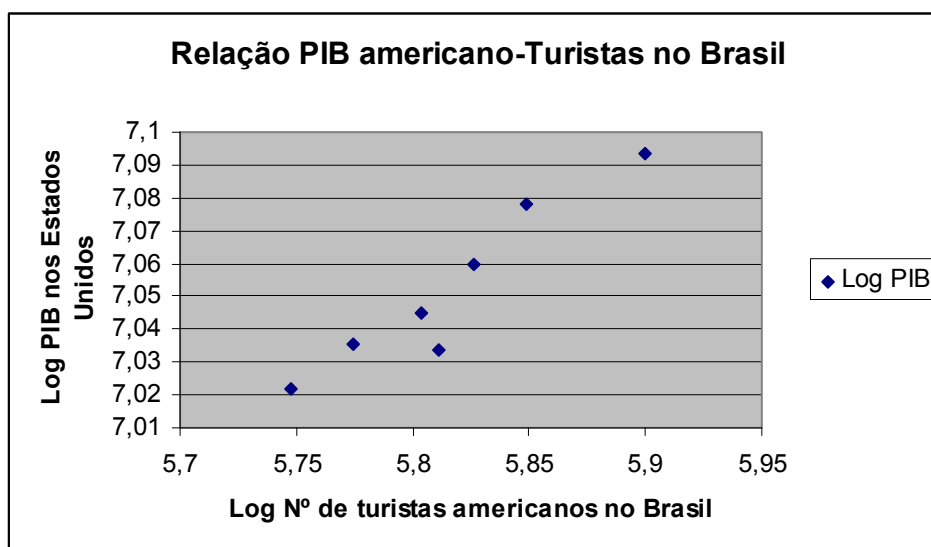
seus logaritmos. Não é uma relação exata, certamente existem outros fatores, além do PIB do país, que afetam a dimensão do turismo do país.

Outro exemplo da relação PIB-quantidade dos turistas do país no Brasil é mostrado a seguir para os Estados Unidos, nosso segundo emissor de turistas para o Brasil, por ordem quantitativa de importância.



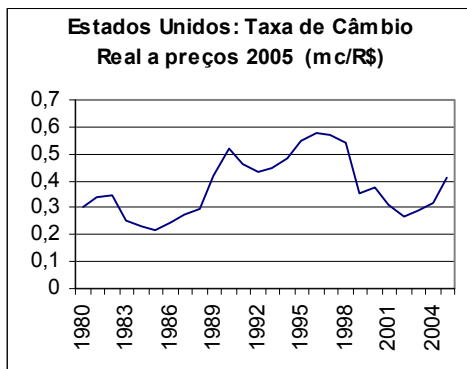
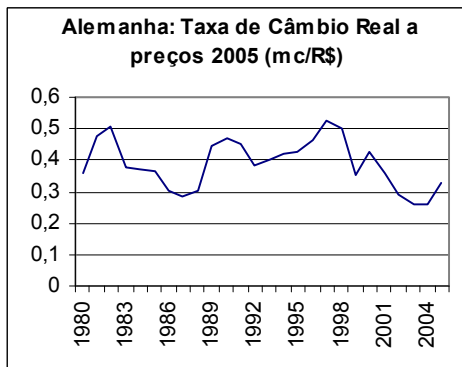
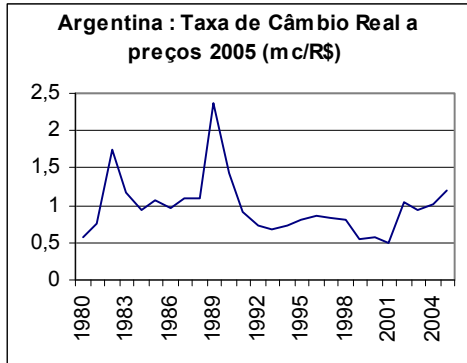
O coeficiente de correlação entre as duas variáveis é de 0,95, uma associação linear bastante forte, conforme mostrado no gráfico acima, refletindo o fato de que a expansão do PIB americano tem expandido a emissão de turistas daquele país, parte da qual tem se orientado de forma crescente para o Brasil.

Usando os logaritmos das variáveis não há alteração significativa no coeficiente de correlação entre as variáveis, ou seja, o coeficiente fica no mesmo nível de 0,95 e a relação nos logs das variáveis graficamente fica mais evidente em estar situada em uma tendência linear, como se pode ver no gráfico que se segue.



Estes três exemplos ilustram o que é possível de esperar para os demais países no que diz respeito à dinâmica do seu PIB influenciar de modo mais forte ou mais fraco a emissão de turistas para um determinado país, no caso particular, o Brasil. Os exemplos da Argentina, da Alemanha e dos Estados Unidos vistos neste trabalho mostram que não se podem esperar um comportamento único no que diz respeito ao papel desta variável influenciar o fluxo de turistas que chegam ao Brasil. Além do PIB, ou em outras palavras, além da geração de rendimentos para a sua população, a qual vai poder destinar parte deles ao turismo, ainda é preciso considerar a intermediação de outras variáveis que afetam a capacidade e a possibilidade do habitante efetivamente se deslocar como turista para um país como o Brasil. Já se mencionou na introdução deste trabalho que é preciso levar em conta, entre outros fatores, a taxa de câmbio real da moeda do país em relação à moeda brasileira, taxa esta que quando desvalorizada reduz a capacidade aquisitiva do potencial turista. Isto provocará um efeito negativo sobre o desejo da pessoa se deslocar como turista para o Brasil, fazendo-o considerar outros países nos quais esta taxa seja mais favorável.

Os gráficos a seguir mostram a evolução da taxa de câmbio real da Argentina, da Alemanha e dos Estados Unidos.



No caso da Argentina, depois de uma longa queda no valor da sua taxa de câmbio real em relação à moeda brasileira, iniciada após o pico observado em 1989 (quando a taxa era \$ 2.37) , reduzindo-se para \$ 0.49 em 2001, houve um aumento nos anos seguintes, crescendo nos anos seguintes e atingindo o valor \$ 1.19 em 2005. Sabe-se que o PIB da Argentina tem crescido a taxas elevadas nos anos mais recentes (7,78 por cento em 2003, 11, 82 por cento em 2004 e 3,49 por cento em 2005) após quedas elevadas no PIB no início do século. Portanto, a queda no número de turistas argentinos após no ano de 2000 e a recuperação mais recente tiveram a ver com esta flutuação no seu PIB e afetada pela taxa de câmbio favorável no início do período e menos favorável agora nos últimos anos. Provavelmente, tivesse a taxa de câmbio real permanecido no nível que estava no início desta década, já teria sido possível observar uma quantidade maior de turistas argentinos no Brasil.

No caso da Alemanha, nos últimos vinte e cinco anos tem havido uma relativa flutuação na sua taxa de câmbio real, embora a tendência mais geral nos últimos dez anos seja a de redução, favorecendo o poder de compra dos turistas. Como o seu PIB tem crescido (com ligeiras quedas reais entre 2002 e 2004), pode-se dizer que estes elementos têm colaborado para que o seu fluxo de turistas para o Brasil tenha aumentado nos últimos cinco anos.

Já para os Estados Unidos, o seu PIB real tem se expandido de forma permanente nas últimas décadas. Portanto, é de se esperar a ocorrência positiva deste favor sobre a geração de um fluxo crescente de turistas no mundo, podendo o Brasil captar uma parte deste fluxo. Conforme foi visto, o fluxo de turistas americanos no Brasil aumentou cerca de 42 por cento no período 1999-2005, em parte influenciado por este fator. No que toca à taxa de câmbio real, o gráfico acima mostra que esta foi crescentemente desfavorável aos americanos na primeira parte do período 1980-2005, quando ela passou de \$ 0.30 para \$0.58 em 1996, tendo se reduzido significativamente nos anos seguintes, embora tenha havido uma piora nos três últimos anos. Logo, esta redução em geral funcionou no sentido de favorecer o Brasil no sentido de ter mais turistas estrangeiros no país.



Outra variável que afeta o fluxo de turismo estrangeiro no Brasil tem a ver com o custo da viagem ao país. Inicialmente, vamos utilizar uma proxy, a qual será a distância entre o país de origem (da sua capital) até a cidade do Rio de Janeiro. A hipótese que está sendo utilizada é a de que o custo do transporte é diretamente relacionado com a distância e que o custo é linear, ou seja, o custo por quilômetro a ser percorrido é constante. Naturalmente, esta hipótese pode não ser verdadeira para todos os casos, mas acredita-se que ela possa ser aceita de uma forma geral como representando o custo do deslocamento da pessoa, com influência inversa sobre o fluxo turístico, qual seja, maior a distância, menor o fluxo e vice-versa.

COLABORADORES:



REALIZAÇÃO:



Ministério do  
**Turismo**

